



As transformações (in)visíveis do trabalho.

Paulo Roberto Wunsch*

Ramone Mincato**

Carlos Nelson dos Reis***

Resumo: O presente texto sistematiza uma reflexão tendo como referência as transformações na base de produção capitalista a partir da crise de acumulação do princípio dos anos 1970. Contudo a fim de explicar a realidade social atual é indispensável estabelecer sua relação orgânica entre os aspectos da realidade com o contexto mais geral, e entre o presente e suas determinações do passado. Esse é o pressuposto para se explicar as transformações, verificar os impactos, compreender os sentidos das metamorfoses do trabalho a partir dos anos 70 do século XX, quando ocorre o esgotamento do ciclo de crescimento da economia capitalista. Para tanto, trata aspectos da acumulação de capital do pós Segunda Guerra Mundial até o final dos anos de ouro do capitalismo. Na seqüência reflete a respeito da ofensiva do capital para a superação da crise, tendo como eixos norteadores o complexo da reestruturação produtiva com atenção às inovações tecnológicas e novas formas de organização do trabalho, desregulamentação das atividades econômicas em especial quanto a redefinição do papel do Estado favorecendo o processo de mundialização do capital com sua lógica de financeirização.

Palavras-Chaves: Trabalho. Reestruturação produtiva. Mundialização do capital.

Abstrac: This Text systematize a reflection based in the transformations on the basis of capitalist production caused for the accumulation crisis of the early 1970s. However to explain the present social reality is essential entrench your organic relationship between aspects of reality and the more general context, and between the present and the determinations of the past. This is the premise to explain the transformations, broach the impacts, understand the meaning of the metamorphosis of the work from 70`s until the 20th century, when there is a crash of the growth cycle of the capitalist economy. For this, treats

* Doutor e mestre em Serviço Social pela PUCRS. Especialista em Sociologia pela UFRGS. Professor da FISUL e UCS. E-mail: pvinte@terra.com.br

** Doutora e mestre em Ciência Política UFRGS. Professora da UCS

*** Doutor em Economia pela Unicamp. Professor Titular Permanente do PPGSS/FSS/PUCRS



about aspects of capital accumulation of the post World War II until the end of the golden years of capitalism. Also reflects about the offensive of capital to overcome the crisis, with the guiding principles the complex of the productive restructuring with attention to technological innovations and new ways of work organization, deregulation of economic activities especially in terms of redefining the role of the state favoring the process of capital globalization with their financialization logic.

Keywords: Labor. Restructuring of production. Globalization of capital

1. Dos Anos Dourados à Crise de Acumulação

No período do pós-Segunda Guerra Mundial até final dos anos 1960 eram notáveis os índices de crescimento econômico e as taxas de lucro obtidas pelos proprietários de capital. Foi um momento em que se combinou crescimento econômico com a conquista de direitos sociais (nos países desenvolvidos) através da implementação de políticas de bem-estar social¹, período em que a ação do Estado reduziu algumas incertezas que caracterizam a economia capitalista.

No princípio dos anos 70 do século XX, ocorre o esgotamento do ciclo de crescimento da economia capitalista denominado de “anos dourados”, quando houve uma crise de acumulação com um caráter universal em relação ao tipo de capital, isto é produtivo, financeiro ou comercial. O alcance da crise foi global e teve um período de duração relativamente extenso (MÉSZÁROS, 2002). Essa crise combinou a queda generalizada da taxa de lucro², com estagnação econômica, elevação generalizada dos preços e esgotamento das ferramentas tecnológicas da Segunda Revolução Industrial originando uma recessão. Esse conjunto de acontecimentos foi caracterizado pela literatura econômica como *stagflação*, e atingiu globalmente os países contribuindo para elevar a crise fiscal, agravada nos chamados “países dependentes” em razão do endividamento externo.

A partir dessa crise ressurgiu revigorado o debate teórico entre adeptos da política econômica keynesiana e os neoliberais em torno da forma de regulação das atividades econômicas, se a mesma deve ser realizada por intervenção estatal ou pelo livre jogo das

¹ O bem-estar social tem como base o Plano Beveridge (*Social Insurance and Allied Services* - 1942). Nele a seguridade é baseada na solidariedade universal, o que amplia a cobertura para os riscos sociais e supera o conceito de seguro social (limitado a quem contribui para acessar “benefícios”).

² A taxa de mais-valia produzida não possibilitou um bom nível de valorização do conjunto dos capitais, configurando uma superabundância de capitais e escassez de lucros. (NETTO; BRAZ, 2006, p. 213).



forças de mercado. Esse debate histórico resultou vantajoso para os neoliberais, como indicam as políticas econômicas adotadas a partir dos governos: do Chile de Pinochet (1973), da Inglaterra de Thatcher (1979), dos Estados Unidos, de Reagan (1980) entre outros.

A partir de então, diversos governos, inclusive no Brasil, fazem uso de orientações de recorte neoliberal nas políticas econômicas (e sociais), com o objetivo de restabelecer as condições de acumulação do capital e consolidar o poder do capital em especial financeiro. Adota-se a chamada economia de mercado, restringi-se a ação do Estado, se promove à desregulamentação da economia, a privatização das empresas estatais e se adota políticas sociais focalizadas com base na meritocracia e nos mínimos sociais, enquanto ofensiva do capital para superar a crise.

2. A Ofensiva do Capital na Produção para Superar a Crise

A ofensiva efetuada para superar a crise teve como base a análise dos ideólogos neoliberais, como Friederick Von Hayek que considera que a raiz da crise é o modelo econômico pós-guerra em que o Estado limita a economia de mercado (negando a análise da crise estrutural). Para os neoliberais a crise localiza-se no excessivo poder dos sindicatos, e dos trabalhadores que através das reivindicações e conquistas de aumento de salário e conquista de direitos sociais fazendo com que o Estado aumentasse os “gastos sociais” (ANDERSON, 1992).

Assim, para os neoliberais a superação da crise passa por medidas que impactam as conquistas dos trabalhadores como por exemplo a flexibilização do contrato de trabalho e a retirada dos direitos, entre os quais alguns presentes na legislação trabalhista. Bem como, realizam as privatizações das estatais e supressão da intervenção do Estado na economia, isto é redefinindo o seu papel. Ou seja, ocorreu um impulso na liberalização e abertura das economias via desregulamentação viabilizando a mundialização do capital, através da maior autonomia do capital para seu deslocamento facilitado pelas novas tecnologias (CHESNAIS, 1996).

Esse processo de liberalização econômica é conduzido na perspectiva de favorecer especialmente ao capital produtivo e financeiro oligopolista. Outro aspecto disso é a crescente financeirização da economia através da interpenetração e uso de sua lógica pelo capital industrial, comercial e agrícola na medida em que a valorização do capital deixa de ser



maximizada principalmente pela produtividade do trabalho na busca de lucros e passa a ser do tipo ganhos através dos juros (CHESNAIS, 1996).

Ainda como parte desse contexto efetua-se transformações quanto à forma de organização do trabalho como evidencia o toyotismo³ que busca a subordinação formal-intelectual do trabalho a lógica do capital através das alterações organizacionais sem, contudo romper com a racionalidade do taylorismo-fordismo⁴. A adoção do toyotismo integra ao que se chama de complexo de reestruturação produtiva⁵ que é facilitado pelas Tecnologias da Terceira e Quarta onda de transformações produtiva⁶, e refletem a busca do capital em elevar a taxa de lucro através do aumento da produtividade, da intensificação e elevação da extração da mais valia⁷ em meio à mundialização do capital. Afinal as transformações permanentes são indispensáveis ao processo de valorização e acumulação de capital materializadas em mecanismos como, por exemplo: a extensão da duração do trabalho através da ampliação da jornada de trabalho⁸; o aumento da intensidade do ritmo de trabalho via tecnologias e processos de organização.

Em relação a isso, é oportuno destacar que as inovações do complexo de reestruturação produtiva requerem que o trabalhador tenha flexibilidade, ou seja, que seja polivalente e multifuncional capaz de operar simultaneamente várias máquinas e realizar diferentes atividades como produzir e efetuar controle de qualidade. Mas a flexibilidade também ocorre na produção cujas novas tecnologias permitem uma rápida reconfiguração das

³ O Toyotismo pode ser considerado como parte do processo de busca de acumulação de capital em uma época de crise de superprodução e de nova base técnica da produção. Ele se constitui em uma continuidade/descontinuidade em relação ao Taylorismo/Fordismo, na medida em que persegue a lógica da racionalização do trabalho, mas com o desafio de captura da subjetividade operária, a fim de assegurar a subsunção real do trabalho ao capital (ALVES, 1999).

⁴ Ao final do século XIX, F. W. Taylor aprofundou a divisão técnica do trabalho, atribuindo importância decisiva à separação entre concepção e execução e ao planejamento detalhado das tarefas, pois tem como hipótese a existência de uma maneira ótima de produzir. Na sequência do movimento de Gerência Científica, Henry Ford deu nova dimensão à divisão técnica, intensificando ainda mais a fragmentação das tarefas e vinculando-as à esteira móvel na linha de montagem. Assim o taylorismo-fordismo instituiu a linha de produção rígida em massa com uso intensivo de trabalho elevando a produtividade e viabilizando o consumo em massa.

⁵“O que denominamos ‘complexo de reestruturação produtiva’ envolve um sistema de inovações tecnológico - organizacionais no campo da produção social capitalista — por exemplo, a robótica e a automação microeletrônica aplicada à produção; as novas modalidades de gestão da produção [...]. Além disso, é um importante componente do complexo de reestruturação produtiva, dos vários tipos de descentralização produtiva [...]” (ALVES, 2005, p. 11).

⁶ A Terceira onda de transformações produtivas corresponde à introdução da automação de base microeletrônica enquanto que a Quarta diz respeito às máquinas informacionais integradas em rede interativa e controlativa (ALVES, 2011).

⁷ Mais-valia é o valor produzido na parte do dia de trabalho não remunerado dos trabalhadores, uma vez que esses apenas recebem o equivalente a uma parte do dia de trabalho (BOTTOMORE, 2001).

⁸ A ampliação da jornada de trabalho pode ocorrer através da hora-extra e o trabalho efetuada após a jornada de trabalho, especialmente em casa.



máquinas, adaptando a produção e serviços de acordo com o mercado consumidor e a busca de inovação e criação de novas necessidades. Em síntese, as transformações em curso indicam que na atualidade vivencia-se a transição de um regime de “acumulação fordista” para o da “acumulação flexível”⁹.

Quanto ao regime da “acumulação flexível” constata-se que a organização do trabalho do tipo toyotista tem instigado os trabalhadores a disponibilizar sua capacidade física e intelectual (menosprezando pelo taylorismo). A maneira que isto é evidenciado é a administração participativa (com base na prática do Kaizen, que significa melhoramento contínuo envolvendo todos). Contudo essa participação se limitada ao debate e sugestões para melhoria do ambiente de trabalho para aumentar o desempenho, a produtividade e qualidade da mercadoria ou serviços. Essa participação restrita requer dos trabalhadores o cumprimento de metas, as quais não participaram da definição, enquanto necessidade de assegurar a competitividade, manter o emprego e obter ganhos de participação nos lucros.

O estímulo usado para promover o aumento de produtividade e disponibilização dos saberes são as compensações materiais e simbólicas para quem contribuir para melhorar a produção, o produto e reduzir custos. Aliado a isto, ocorre uma ofensiva ideológica a fim de obter o envolvimento dos trabalhadores a lógica do capital desde o processo seletivo, seguindo nos treinamentos, e nas reuniões. Contudo a busca da hegemonia, isto é cooptação (consentimento) não significa que se abdicou das relações de dominação, ou seja, de coerção como indicam os controles em relação ao cumprimento das metas, por exemplo. Nesse sentido nas relações capitalistas de trabalho coexistem relações de coerção e consentimento, sendo que esta última ganhou relevo na atualidade diante do seu impacto no aumento da produtividade.

Assim aspecto importante das inovações atuais na organização da força de trabalho consiste na atenção conferida à subjetividade do trabalhador, reconhecendo o seu saber buscando sua “captura” e simultaneamente obtenção de seu consentimento a fim de reduzir as resistências.

Em síntese, na medida em que o processo de trabalho capitalista objetiva conservar e elevar as taxas de lucro prescinde fragilizar a resistência da ação coletiva dos trabalhadores

⁹ O regime da “acumulação fordista” caracteriza-se pela produção em massa, uso intensivo do trabalho, organização do trabalho hierárquica e rígida. Por sua vez o regime da “acumulação flexível” expressa a flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados, dos produtos e padrões de consumo (HARVEY, 2003).



através da “captura” da sua subjetividade que no processo produtivo ocorre através da organização da produção de acordo com o toyotismo.

3. A Organização Toyotista da Produção

A organização toyotista de produção tem como principais traços: a produção vinculada à demanda, a fim de atender ao mercado consumidor mais individualizado; o trabalho concebido em equipe e com atuação multifuncional dos trabalhadores; a operação pelo trabalhador, simultaneamente, de várias máquinas; a adoção do princípio de *Just-in-Time*, visando ao melhor aproveitamento do tempo de produção; o funcionamento da produção segundo o sistema *Kanban*, cujas placas ou senhas de comando determinam a reposição de peças e estoques administrando a produção; a estrutura organizacional horizontalizada, priorizando somente a produção do que é central para sua unidade produtiva terceirizando o restante; o estímulo à organização dos Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), para debater o trabalho e o desempenho, com a finalidade de melhorar a produtividade; a adoção do “emprego vitalício” (no Japão) para uma parcela de trabalhadores (ANTUNES, 1999).

O toyotismo faz uso da mobilização das capacidades físicas e intelectuais dos trabalhadores, desta maneira distinguindo-se do taylorismo-fordismo. Nesse sentido a busca do envolvimento dos trabalhadores à lógica do capital é parte constitutiva fundamental do toyotismo, pois sem a qual compromete os princípios da autonomia/autoativação e do *Just-in-Time*. Quanto aos princípios da autonomia/autoativação, o primeiro diz respeito a dotar as máquinas automáticas de mecanismos de parada em caso de algum defeito, contribuindo com a “autoavaliação” (verificar a qualidade) na execução do trabalho, para evitar retrabalho devido defeitos. Assim, a autonomia/autoativação atribui ao operário a responsabilidade pela qualidade¹⁰ dos produtos nos próprios postos de produção, passando os mesmos a desempenhar as funções de operadores diretos, fazer o diagnóstico, o reparo, a manutenção e o controle de qualidade, isto é tornando o trabalho multifuncional (CORIAT, 1994, p. 52).

Nesse sentido a base técnica associada à organização do trabalho permite exigir dos assalariados não apenas a vigilância, mas o controle sobre sua atividade, e também que

¹⁰ A busca da “qualidade total”, contudo, contrasta com o tempo de duração, de vida útil, uma vez que o capital persegue a redução do seu ciclo reprodutivo, estimulando o descartável, o supérfluo, a inovação.



efetuem a prevenção de avarias, na busca da qualidade total (em meio a redução do tempo de duração das mercadorias). Diante dessa realidade, ocorrem a intensificação do ritmo e uma necessidade de maior subordinação do trabalhador ao processo de produção, alterando-o qualitativamente (novas habilidades e competências são requeridas diante das novas tecnologias). Assim as inovações (tecnológicas e organizacionais) no mundo do trabalho efetuam o domínio do tempo humano mobilizando as capacidades dos trabalhadores para a produção de bens de consumo e execução de serviços viabilizando a exploração.

Evidentemente que aliado a isto, as novas tecnologias de base técnica informacional potencializam um controle mais objetivo do trabalho, inclusive o efetuado a distância, pois conseguem integrar diferentes organizações com suas unidades localizadas em distintos espaços, e em “tempo real”. Em suma, essas tecnologias contribuem para alterar a noção espaço (do nacional para mundial), pois as máquinas informacionais permitem interação “intrafirma e interfirmas” localizadas em diferentes países. Mas, também modificam a noção de tempo uma vez que “não há longo prazo” diante das constantes inovações, das “incertezas”, e do desejo da rápida valorização do capital (SENNETT, 2005).

Atualmente a organização da economia adquire a dimensão de resultados de curto prazo, sendo uma das materializações disso na produção o princípio do *Just-in-Time*, que significa a eliminação dos estoques a partir do uso de tecnologia de informação que possibilita o mapeamento dos insumos, da produção e das vendas na perspectiva da lógica da economia de custos. Para administrar o *Just-in-time* adota-se o sistema *Kanban*, a fim de enfrentar o desafio de aumentar a produção sem crescer o contingente de trabalhadores, através de dispositivos organizacionais de controle do processo de fabricação. Com ele, passa-se a “administrar pelos olhos”, visando dar visibilidade aos “excessos gordurosos”, isto é, tudo o que pode ser dispensado, melhorando o aproveitamento do tempo de produção e permitindo um controle maior do capital (CORIAT, 1994).

O princípio do *Just-in-time* encontra-se em consonância com a perspectiva de economia de curto prazo e a estrutura técnico-organizacional adotada pela “empresa enxuta”, isto é, a descentralização produtiva por meio da terceirização das etapas acessórias da produção e de serviços, para que haja a concentração da atividade naquilo em que a empresa possui vantagens competitivas. Com a terceirização, eliminam-se os estoques de matérias-primas e de produtos e promove-se maior integração do processo produtivo a partir da gestão de fluxos de materiais e de informações possibilitados pelas novas tecnologias. A lógica disso



é a racionalização da produção e dos serviços com diminuição dos custos proporcionada pela redução do estoque e pela economia de espaço, além da simplificação dos fluxos de informação e da flexibilidade conferida à produção e serviços diante das constantes inovações.

Vive-se a chamada era da “empresa enxuta” que fez proliferar o processo de uso de relações de terceirização na qual a rentabilidade não se limita à produção e à comercialização de mercadorias, mas amplia-se para as relações entre empresas. Essas relações permitem ao terceirizador apropriar-se de parte da mais-valia produzida pelos terceirizados situados em diferentes localidades do mundo, especialmente onde o custo de produção é reduzido e com relações precárias de trabalho diante da diminuição do custo dos transportes. Mas, paradoxalmente a era da “empresa enxuta” com suas terceirizações é também a era de acentuado processo de concentração e centralização de capital enquanto processo mais geral do capital. Contribuí para esse processo paradoxal de terceirizações em meio a concentração e centralização de capital enquanto processo inerente ao capitalismo a possibilidade de deslocamentos do capital.

Esse deslocamento do capital por sua vez permite pressionar os trabalhadores para aceitarem a degradação das relações salariais, reduzirem os direitos trabalhistas e precarizar os contratos de trabalho já que o capital se instala ou adquire mercadorias onde é mais vantajoso ao processo de sua valorização. Nesse processo de deslocamento de capitais também se mantém e aprofunda-se o desenvolvimento assimétrico e desigual entre países. O capital situado nos países desenvolvidos continua proprietário do *know-how*, da tecnologia, dos serviços financeiros e do *design* dos produtos, enquanto que o capital dos demais países permanecem como montadores de produtos industriais e fornecedores de produtos primários. Em síntese pode-se afirmar que o processo de reestruturação produtiva em meio à mundialização do capital preserva o enrijecimento da hierarquia econômica internacional, amplia as desigualdades sociais, fragiliza as lutas por direitos dos trabalhadores, acentua a precarização das relações de trabalho¹¹ inclusive nas nações desenvolvidas.

Em suma, de maneira sintética pode-se afirmar que a organização toyotista do trabalho contribui para precarizar os contratos de trabalho, elevar a taxa de mais-valia,

¹¹ Uma das formas que se manifesta a precarização das relações de trabalho é o crescimento do número de contratos de trabalho de tempo parcial, ou seja, trabalhador em tempo parcial (*part-time-workers*), temporários¹¹ (*temporary-workers*), em emprego casual (*casual-workers*), por conta própria (*self-employed-worker*), portanto os trabalhadores hifenizados (BEYNON, 2002).



envolver física e/ou intelectualmente os trabalhadores, intensificar o ritmo de trabalho e efetuar maior controle do trabalho. Assim essa organização do trabalho associada às novas tecnologias contribui para a expansão das terceirizações, flexibilização da produção, concentração das decisões sem centralização, e deslocamento de capital diante da mundialização dos mercados impactando no trabalho e nos trabalhadores.

4. Os Impactos da Reestruturação Produtiva no Trabalho

A organização toyotista da produção sugere uma produção flexível que requer uma organização flexível do trabalho (exigindo uma força de trabalho polivalente, multifuncional e com alguns trabalhadores qualificados, além da capacidade de operar em equipe), bem como flexibilidade de contratação (contrato de trabalho parcial ou temporário). Esses aspectos da organização flexível do trabalho toyotista contribuem para evidenciar uma crescente heterogeneidade e complexificação na morfologia da classe trabalhadora. Tem-se assim: os trabalhadores com relações de contrato de tempo integral de trabalho e os com contratos de tempo parcial; existem os trabalhadores com empregos e os desempregados; aqueles que executam atividades qualificadas e os que trabalham em atividades pouco qualificadas e/ou desqualificadas; persistem as diferenças entre a remuneração, tipo de contrato e os trabalhos executados pelos homens e pelas mulheres (divisão sexual do trabalho).

Mais especificamente, quanto os trabalhadores do segmento mais qualificado e intelectualizado que atuam junto às tecnologias mais avançadas, desempenhando um papel central na criação de valor de troca, os mesmos são objeto de intenso processo de busca de manipulação pelo capital. Sendo que a busca da subsunção desses trabalhadores inicia-se no processo de seleção e contratação, posteriormente persiste através dos treinamentos e qualificações técnicas e políticas a que são submetidos constantemente.

Contudo, mesmo os trabalhadores qualificados têm estabilidade no emprego apenas relativa, pois há uma flexibilização do mercado de trabalho, diante das permanentes mudanças e a permanência do trabalhador por um período longo em um mesmo emprego estar relacionada com o custo dessa mão de obra. Além disso, diante da necessidade de constantes inovações, a “capacitação” deixa de ser uma mercadoria durável e o retreinamento pode ser



considerado oneroso diante da disponibilidade no mercado de trabalho de força de trabalho com as exigências requeridas. Diante do custo advindo de contratos de trabalho com longo prazo e da necessidade de retreinamento o capitalista opta por contratar pessoas mais jovens, com salário menor e que causem “menos problemas”, pois os mais velhos tendem a dar vazão à insatisfação. Tudo isso, em meio a demanda que os trabalhadores tenham agilidade, criatividade e que estejam abertos a mudanças de curto prazo¹², que assumam riscos continuamente, que dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais (SENNETT, 2006).

A “cultura do novo capitalismo” estimula a histórica concorrência entre os trabalhadores e entre as empresas, reforçando a disputa contra os “outros”, enquanto parte da moderna ética do trabalho concentrada no trabalho em equipe¹³. O trabalho em equipe fragmenta e contribui para romper com a noção de classe na medida em que estimula a disputa contra outra equipe. Contudo é oportuno ressaltar que essas mutações em processo convivem com sistemas de organização e tecnologias da Segunda onda de Transformações Produtivas em uma espécie de coexistência entre os “Jetsons e os Flintstones”¹⁴. Cria-se uma realidade em que ocorre uma acentuada heterogeneidade no que se refere às condições, às situações e à morfologia da classe dos trabalhadores, acentuando a fragmentação sociohistórica estrutural.

Diante da fragmentação da classe dos trabalhadores e da hegemonia das ideias vinculadas à lógica do capital no trabalho e na sociedade, acentua-se a dificuldade da construção de uma identidade coletiva na perspectiva de promover ações sindicais de resistência de forma classista em defesa dos direitos. A disputa de ideias entre os interesses do capital e do trabalho, associada à crescente fragmentação objetiva da classe dos trabalhadores, fragiliza a percepção da identidade de classes diante da lógica do trabalho em equipe. O reflexo disso é a dificuldade de os trabalhadores se reconhecerem enquanto classe em sua

¹² O resultado é a “revolução na dimensão do tempo”, já que o capitalista tem que reduzir o tempo de giro do seu capital, diferentemente do período anterior (dos “anos dourados”), dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo, com base em mercados de consumo estáveis e crescentes.

¹³ O uso da palavra equipe constitui uma metáfora esportiva empregada para apropriar-se da “cultura da cooperação por meio de símbolos igualitários”, na qual se cria a ficção de que os operários e os administradores do capital integram a mesma “equipe”.

¹⁴ Essa expressão dos “Jetsons e os Flintstones” para referir-se a heterogeneidade de tecnologia e organização do trabalho foi cunhada por um operário metalúrgico de Caxias do Sul durante o grupo focal efetuado como parte da pesquisa da tese: O movimento dos trabalhadores frente ao complexo de reestruturação produtiva: o sindicalismo dos metalúrgicos de Caxias do Sul (WÜNSCH, 2010).



trajetória de “classe para si¹⁵,” em sua subjetividade, consciência, organização e ação coletiva de resistência para garantir a manutenção ou conquista de direitos.

Ainda como se isso não bastasse, como parte do processo manipulatório é estimulado o consumo especialmente de marcas, efetuado uma fetichização da mercadoria e promovendo a mercantilização das relações sociais em que se considera que tudo se vende e compra. Busca tornar padrão o modo de vida na qual os sonhos, os projetos e os prazeres estão associados à aquisição de mercadorias, em detrimento desse fundarem-se em valores como solidariedade, igualdade e justiça social.

Na medida em que boa parte das energias físicas e mentais são canalizadas para a obtenção dos recursos para o pagamento das mercadorias, muitas vezes, comprometem o tempo necessário para o convívio social, a participação política, o lazer e a cultura. Diante da busca da aquisição e/ou manutenção de mercadorias e serviços ocorre uma pressão sobre os trabalhadores preservar o emprego enquanto fonte de renda, dessa forma contribuindo para sua submissão às determinações e condições impostas pela lógica da valorização do capital. Acabam por sujeitar-se as condições e contratos de trabalho, às metas de produção ou serviços cada vez maiores, à intensificação do ritmo de trabalho, à extensão da sua jornada de trabalho para casa, à busca permanente de atividades de qualificação e retreinamento para além da jornada de trabalho. Fatos esses que reduzem objetivamente o tempo livre para o desenvolvimento humano e de inserção nas atividades coletivas vinculadas a “classe em si” em sua trajetória de “classe para si”.

5. Considerações Finais

A partir do exposto, pode-se afirmar que as alterações na produção e na geração das riquezas, na lógica do capital, através da adoção do complexo de reestruturação produtiva em meio a mundialização do capital, produzem impactos quantitativos (na maneira de ser da classe dos trabalhadores) e qualitativos (na maneira de pensar). Incidem quantitativamente no clássico mercado de trabalho fabril, com o incremento do trabalho morto em detrimento do trabalho vivo¹⁶ economizando mão de obra, ocasionando o desemprego estrutural, além do

¹⁵ A passagem da classe em si enquanto situação comum em sujeito da transformação social requer a autoconsciência, o conhecimento consciente de sua perspectiva de classe, o que implica apreender a configuração da realidade social para se transformar em classe para si enquanto defensora de interesses comuns.

¹⁶ Trabalho morto é aquele corporificado no maquinário, enquanto o trabalho vivo é aquele desenvolvido pelo homem e que contém uma dimensão de subjetividade.



umentando do ritmo de produção e da produtividade do trabalho (apropriado privativamente). As novas tecnologias e de organização da produção, aliadas às mudanças econômicas, alteram importantes aspectos no mundo do trabalho, como a redução da classe operária tradicional estável e o crescimento do setor de serviços, o crescimento das terceirizações, a ampliação da heterogeneidade morfológica entre trabalhadores.

Por sua vez qualitativamente, o complexo de reestruturação produtiva impacta na subjetividade dos trabalhadores através da busca da subsunção e do envolvimento dos trabalhadores a lógica do capital. No entanto, a mesma não se restringe ao ambiente fabril, estende-se à sociedade, através da hegemonia das ideias de recorte teórico neoliberal com sua ênfase no indivíduo mítico, fragilizando a ação coletiva dos trabalhadores, reforçando o individualismo. Vive-se em meio a cultura do capitalismo que estimula ao consumo, em que desenvolvem-se necessidades, fomenta-se o individualismo, aonde as relações sociais também tornam-se cada vez mais de curto prazo, e crescem as relações virtuais e fetichizadas pelas chamadas redes sociais da internet, uma vez que o “tempo livre” é reduzido e o ritmo de trabalho é intenso e com controle das metas. Ressalta-se que a expansão desse processo ocorre como parte da ofensiva do capital em superar a crise de acumulação através: mundialização do capital, a hegemonias das idéias de recorte neoliberal e via complexo de reestruturação produtiva e tendo como pano de fundo a concreta coexistência entre os “Jetsons e os Flintstones”.

6. Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. **Balanço do Neoliberalismo**. In: SADER, Emir (Org.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo, Boitempo Editora, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **O Caracol e a Concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo, Boitempo Editora, 2005.
- ALVES, Gionanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. 1. reimpressão, São Paulo: Boitempo, 2005.



- ALVES, Gionanni. **Trabalho e mundialização do capital** — a nova degradação do trabalho na era da globalização. 2. ed. Londrina: Praxis, 1999.
- ALVES, Gionanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2001.
- BEYNON, HUW. **As práticas do trabalho em mutação**. In: ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, trabalho e sindicato: reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil. 1ª reimpressão da 2ª ed. São Paulo: Boitempo. 2002.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso**: o modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- FRIEDMAN, Thomas L. **O mundo é plano**: o mundo globalizado no século XXI. 3ª Ed.. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, 12ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 2003.
- MÉSZÁROS, István. **Para além capital**: rumo uma teoria de transição, São Paulo, Boitempo, 2002.
- NETTO, José Paulo, BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.
- SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record. 2005.
- WÜNSCH, Paulo. **O movimento dos trabalhadores frente ao complexo de reestruturação produtiva**: o sindicalismo dos metalúrgicos de Caxias do Sul. Porto Alegre: PUC, 2010. Tese (Doutorado)-Faculdade de Serviço Social.

Recebido em Setembro de 2011
Aprovado em Outubro de 2011